

Resenha:¹

Mais do que nunca, refletir sobre gêneros jornalísticos

Review:

More than ever, reflecting on journalistic genres

Por Rodrigo Ratier

Raras são as obras que se apresentam como referências incontornáveis desde seu lançamento. É o caso de *Gêneros Jornalísticos – Estudos Fundamentais*, organizada por José Marques de Melo e Francisco de Assis. Recém-publicada, a coletânea traz o melhor de mais de meio século da reflexão nacional sobre gêneros jornalísticos. Falar sobre gêneros e compreender suas identidades, como sustentam os organizadores na apresentação da antologia, é voltar-se ao próprio exercício do jornalismo, correspondendo a parcela significativa da formação de profissionais e pesquisadores.

Em trabalhos anteriores, Marques de Melo e Assis (2010; 2016) se ocupam de explicitar a proposta de pesquisadores do Grupo Comunicacional de São Bernardo, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). O livro em tela é mais plural, abarcando diversidade de linhas de pesquisa e referenciais por vezes divergentes. Que as perspectivas expressas não sejam necessariamente congruentes é indicativo da vitalidade do pensamento comunicacional brasileiro sobre gêneros jornalísticos.

Com efeito, são as autônomas experiências nacionais, os “frutos dotados de sabores regionais”, no dizer de Marques de Melo, o elo de ligação entre os 13 capítulos da coletânea. A opção dos organizadores é dispor os textos no que Assis define como ordem crono-metodológica, composta por três segmentos: estudos fundadores, estudos contextualizadores e estudos problematizadores.

¹ **Gêneros Jornalísticos: Estudos Fundamentais.**

José Marques de Melo e Francisco de Assis (orgs.)

Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]: Edições Loyola, 2020.

Centrada na produção dos decênios 1960-1970, “Estudos fundadores” presta importante serviço ao recuperar clássicos esgotados, restritos hoje a algumas poucas bibliotecas da área de comunicação. É o caso de “A informação no jornalismo” e “Opinião, função vertical do jornalismo”, ambos de Luiz Beltrão. Com “Jornalismo e interpretação”, de Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, o livro compõe a tríade informação-opinião-interpretação, didaticamente caracterizada em “Categorias do Jornalismo”, de Mário Erbolato. As três categorias indicam que jornalismo se faz de variadas maneiras, por meio de textos com diferentes funções ou finalidades, conteúdo e estilos distintos, destinação a públicos diversos – a conformação dos gêneros responderia a esses aspectos, restando em discussão, como se sabe, a questão da classificação.

Já “Estudos contextualizadores” aborda o período 1980-1990, em que os gêneros jornalísticos ganham o status de disciplina no contexto nacional. Assis pontua que o divisor de águas é a tese de livre-docência de Marques de Melo, *Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, defendida em 1983 e que possui um recorte atualizado publicado na antologia – o capítulo “Conceito, categorias e gêneros do jornalismo”. Essa parte do livro é dedicada aos dois pesquisadores que transformam os gêneros jornalísticos em objetos de pesquisa. Caminhamos pelas sucessivas propostas de classificação de Marques de Melo até chegarmos à chamada “nova classificação”, ajustada à virada do milênio. Identificam-se cinco gêneros – informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário –, agrupados em formatos e subdivididos em tipos. A atualização acolhe as contribuições de Manuel Carlos Chaparro. Por meio dos pressupostos teóricos da pragmática, Chaparro defende que informação e opinião (os gêneros hegemônicos de Marques de Melo) dizem respeito ao teor das mensagens e não a suas formas, sendo mais adequado utilizar a distinção básica entre relato e comentário (e seus desdobramentos) para uma taxonomia do trabalho cotidiano da imprensa.

A terceira e última parte, “Estudos problematizadores”, cobre o período de “renascimento” pelo interesse dos gêneros jornalísticos na Academia. A disseminação da internet e suas novas formas de expressão, somada à relativa incompletude das classificações anteriores, ensejam um fértil processo de questionamento e debate. Enquanto o texto de Assis aprofunda os fundamentos da “nova classificação” de Marques de Melo, Jorge Lellis Bomfim Medina utiliza a semiótica para uma taxonomia que abarca expressões da propaganda e do entretenimento. Christa Berger e Frederico de Mello B. Tavares apresentam a contribuição do conceito de giro linguístico, oriunda da Espanha, para analisar as práticas jornalísticas para além do texto, questionando um certo

“manualismo” no ensino dos gêneros. Lia Seixas, por fim, propõe uma redefinição do conceito de gênero jornalístico que inclui elementos intra e extradiscursivos: o estatuto dos participantes, a relação entre discurso e realidade e o *mídiu*m.

A edição é cuidadosa e didática. Notas complementares informam, por exemplo, datas de publicação original, permitindo uma mirada cronológica sobre os estudos da área. Textos mais recentes puderam ser revisitados pelos autores, com eventuais aprimoramentos sinalizados, novamente, em notas de rodapé. No meio do processo de preparação do livro, em 20 de junho de 2018, Marques de Melo faleceu. Finalizada por Assis, a obra encontrou acolhida na Editora PUC-Rio, que honrou a importância da coletânea com sua publicação mesmo em momento adverso, de aguda crise política, econômica e social.

Em tempos de hiperinformação, *fake news* e desinformação, com a preocupante indissociação entre informação, interpretação e opinião – e mais grave: entre o conteúdo jornalístico legítimo e o enganoso –, a antologia *Gêneros Jornalísticos – Estudos Fundamentais* repõe o rigor e a precisão como alicerces da profissão. A obra inaugura uma série de livros didáticos da Editora PUC-Rio, e, se de fato se afigura fecunda para o ensino da graduação e da pós-graduação, é também referencial para a pesquisa e a prática do jornalismo. Aprender a respeito dos gêneros jornalísticos qualifica ética e tecnicamente o processo de produção de informação, distinguindo-a de formas variadas de logro e manipulação. A profunda atualidade da obra é também homenagem a Marques de Melo, evidência da potência persistente de seu pensamento.

Rodrigo Ratier

Professor-assistente do curso de jornalismo da Faculdade Casper Líbero

Doutor em Educação / USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9733-7563>

E-mail: rpratier@casperlibero.edu.br

Recebido em: 21 de setembro de 2020.

Aprovado em: 28 de setembro de 2020.

Referências

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 39, n. 1, p 39-56, jan/abr. 2016.